



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB DEPARTAMENTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS - DCH - CAMPUS VI CURSO DE LICENCIATURA EM
LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

FABIANA MARIA CASTRO

**A TRANSGRESSÃO FEMININA E O REFLEXO DO PRAZER ERÓTICO NA
POESIA DE GILKA MACHADO**

Caetité - BA

2020

FABIANA MARIA CASTRO

**A TRANSGRESSÃO FEMININA E O REFLEXO DO PRAZER ERÓTICO NA
POESIA DE GILKA MACHADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Me. Rogério Soares Brito

Caetité - BA

2020

FABIANA MARIA CASTRO

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros.

Aprovado em: ___/___/___.

Banca examinadora

Prof. Me. Rogério Soares Brito

Orientador

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Profª. Ma. Zélia Malheiro Marques

Convidada

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Profª. Dra. Sidnay Fernandes dos Santos

Convidada

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

C355a

Castro, Fabiana Maria

A transgressão feminina e o reflexo do prazer erótico na poesia de Gilka Machado / Fabiana Maria Castro.-- Caetité, 2020.

42 fls : il.

Orientador(a): Rogério Soares Brito.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Letras - Língua Portuguesa e Literaturas) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

1.Mulher. 2.Sociedade. 3.Poesia. 4.Erotismo.

CDD: 874

DEDICATÓRIA

Dedico a presente monografia à minha família e aos meus queridos amigos, que de muitas maneiras contribuíram para que esse trabalho se concretizasse.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que permitiu a concretização de muitas vitórias, não somente nestes anos como universitária, e por nunca ter me deixado sozinha. Ele é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Aos meus pais que, abaixo de Deus, me concedeu o dom da vida e sempre me apoiaram nos momentos fáceis e difíceis, mesmo diante de alguns empecilhos.

Aos meus irmãos, Eliana Castro e Paulo Marcos, que mesmo distantes, sempre me apoiaram e contribuíram para meu crescimento.

À minha sobrinha, Letícia Tamara, que é meu amor incondicional e que me faz refletir sobre a vida.

À minha amiga, irmã e chefe, Vanessa. Por causa da sua insistência eu fiz o vestibular e cursei o ensino superior. Obrigada por sempre querer o meu melhor e acreditar no meu potencial, até quando eu duvidava.

Às minhas colegas e hoje amigas que a universidade me deu, Debora Hévila e Paula Carolina. Foram elas que sempre me ajudaram, da melhor forma, e me impediram de desistir quando eu não suportava mais a vida universitária. Maria de Lourdes que foi/é a minha inspiração diária, sempre me aconselhando e procurando me ajudar nos momentos difíceis, inclusive na fase final deste trabalho.

Ao meu orientador, Rogério Soares, que tanto me incentivou e contribuiu para o meu crescimento intelectual. Muito obrigada!

Não posso deixar de agradecer todo corpo docente de Letras da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI. Muito obrigada por todo acolhimento.

“Amo o silêncio largo e lento
Porque ele é a voz mais verdadeira,
É a voz do sentimento”.

Gilka Machado

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a expressividade da autora Gilka Machado, a partir de seus poemas, indicativos de erotismo e desejos femininos a partir de sua linguagem poética como meio de mostrar a história da mulher na sociedade em períodos diferentes. Tendo como objeto de análise os poemas, “Estado de Alma” e “Momento Supremo” de Gilka Machado, na qual será evidenciado o desejo de liberdade, pois as obras tentam revelar os limites, o comportamento e sentimento feminino que a sociedade impõe sobre a mulher. O estudo foi desenvolvido com base em pesquisas bibliográficas a respeito da mulher e seu lugar na sociedade, tendo como referencial teórico os autores, Souza, Kazmeirczak e Couto (2012), Priore (2000), Dias (2012) Chauí (2008), Santos (2013), Paese (2000), Muraro (1972) e Paixão (1991). Ao decorrer da pesquisa, foi possível compreender como a mulher foi durante muito tempo aprisionada pela sociedade falocêntrica que estabeleceu um lugar de submissão para a mulher, com fortes restrições, não permitindo que ela se expressasse de forma livre. Gilka inspirou mulheres a se libertarem dos padrões impostos, das privações estabelecidas, utilizando a arte como meio de expressar seus sentimentos. Assim estudar os poemas de Gilka Machado é conhecer um pouco da historicidade da mulher e como se deu esse processo de conquistas e lutas que as mulheres viveram e ainda vivem na sociedade.

Palavras-chave: Mulher. Sociedade. Poesia. Erotismo.

ABSTRACT

The present coursework aims to analyze the expressiveness of the author Gilka Machado, from her poems, indicative of eroticism and feminine desires from her poetic language as a means of showing the history of women in society in different periods. Having as object of analysis the poems, “Estado de Alma” and “Momento Supremo” by Gilka Machado, in which the desire for freedom will be evidenced, since the works try to reveal the limits, the behavior and the feminine feeling that society imposes on woman. The study was developed based on bibliographic research on women and their place in society, having as theoretical reference the authors, Dayane Souza, Marília Kazmeirczak and Rafaela Couto (2012), Del Priore (2000), Júlio Dias (2012) Marilena Chauí (2008), Ladjane Santos (2013), Paese (2000), Rose Muraro (1972) and Silvia Paixão (1991). During the research, it was possible to understand how the woman was for a long time imprisoned by the phallogocentric society that established a place of submission for the woman, with strong restrictions, not allowing her to express herself freely. Gilka inspired women to break free from imposed standards, from established deprivations, using art as a means of expressing their feelings. Thus, to study Gilka Machado's poems is to know a little about the historicity of women and how this process of conquests and struggles that women lived and still live in society took place.

Keywords: Woman. Society. Poetry. Eroticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 MULHER: A SILENCIADA PELA SOCIEDADE	15
1.1 Uma busca por liberdade e espaço na sociedade.....	21
2 A LITERATURA ERÓTICA: O ESPAÇO FEMININO	25
2.1 Gilka Machado: versos femininos para além do seu tempo.....	29
3 POESIAS, SENSAÇÕES DE GOZO E DE PESAR	33
3.1 Estado de Alma (1917)	33
3.2 Momento Supremo (1938)	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Revista Mensageria	25
Figura 2 – Foto Gilka Machado	29

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva analisar a expressividade da autora Gilka Machado, a partir de seus poemas, indicativos de erotismo e desejos femininos. Partimos da ideia de que o poema é uma arte sensível que carrega uma enorme subjetividade expressiva de valores, sentimentos, ideias e emoções, questões que muito contribui para desenvolver a sensibilidade dos leitores. Dessa forma o poema é uma linguagem rica de significados que possibilita diversas ações, como as que Chauí (1997) conceitua.

A linguagem tem uma função comunicativa, isto é, por meio das palavras entramos em relação com outros, dialogamos, argumentamos, persuadimos, relatamos, discutimos, amamos e odiamos, ensinamos e aprendemos, etc.; (CHAUÍ, 1997, p.141).

Como aponta a autora, a linguagem é uma forma de se comunicar, dialogar, estabelecer argumentos, expressar sentimentos e aprender um com outro. É uma forma de mostrar a realidade vivida. Com essa linha de pensamento, definimos o objeto de estudo, ou seja, a análise de dois poemas da autora Gilka Machado. São eles: “Estado de Alma” que retrata uma busca de liberdade expressão; “Momento Supremo”, uma representação do rompimento do que se estabelecia sobre o desejo do corpo e do prazer; marcas presentes no livro *Poesia Completa* de Gilka Machado.

Na antologia, *Poesia Completa*, a autora reúne todas as suas publicações em livros, considerando que os poemas refletem nos versos eróticos e no processo de transgressão feminina na sociedade. Com isso, disponibiliza a autora um acervo importante sobre a “necessidade de aproximar as pessoas de algumas figuras importantes da História do Brasil. O instinto para isso grita ainda mais alto quando a figura em questão é uma mulher negra e pobre [...]” RKAIN (2017, p. 5).

A autora Gilka da Costa Melo Machado (Rio de Janeiro, 1893-1980), poetisa, foi uma das primeiras vozes femininas na literatura brasileira. “Ela viveu no início século XX, sofrendo discriminação por ser mulher e poeta” PAIXÃO (1991, p.121). Sobre a temporalidade da poetisa e os padrões sociais, neste trabalho, na seção 3, fazemos uma breve discussão, indicando o quanto os seus versos falam de forma diferente. Eles rompem com a concepção da época, revelando a condição feminina de forma ousada e o desejo da mulher em expressar a liberdade e o prazer a partir dos próprios sentimentos, do ser dona do seu próprio corpo e não pela adequação aos padrões morais.

Gilka Machado apresenta grande qualidade literária, e não se limita às características do tradicionalismo poético de sua época, pois a mesma produz uma literatura considerada pela sociedade, como erótica. Além disso, sua importância ultrapassa o limite do literário e impulsiona a cultura nacional, uma vez que, na literatura, ultrapassa o estético e alcança o ativismo político.

A escolha desse tema partiu de motivações pessoais, considerando tratar de um tema que muito nos inquieta pela forma como a mulher é educada para ser sempre objeto do desejo e não dona de suas vontades. Após conhecer a vida e os poemas de Gilka, uma curiosidade de aprofundamento, pela análise de seus poemas, foi se aguçando mais e mais, devido à forma que ela expressa os temas que eram considerados eróticos e que foram mal vistos pela sociedade.

Na poesia de Gilka, bem como na sua história de vida, encontramos e vemos muitas mulheres, inclusive a mim mesma, buscando exercer a coragem e acreditar no empenho e na ousadia de ser vencedora, inclusive, em meio a obstáculos.

Consideramos, também, as motivações sociais, porque a obra, ou a autora, ou os poemas evidenciam uma discussão sobre o papel e o lugar da mulher enquanto ser de igualitário na sociedade.

Pela discussão mais aberta a novidades e experiências inspiradoras, mesmo diante de uma sociedade repressora, consideramos a importância do perpassar por três momentos literários diferentes, tais como o ¹Parnasianismo, ²Simbolismo e ³Modernismo.

Assim, mais especificamente, objetivamos discutir a história da mulher na sociedade, traçar a trajetória da autora em discussão e analisar o erotismo e o desejo da mulher em sua obra, a partir dos poemas “Estado de Alma” e “Momento Supremo”, *corpus* deste estudo.

¹ Parnasianismo surgiu no Brasil, no início de 1882 e terminou em 1893. Suas principais características são: a busca da perfeição formal, de acordo com as regras clássicas de criação poética, fez com que os poemas parnasianos primassem pelo rigor técnico; a preferência pela forma poética fixas e regulares, como, por exemplo o soneto, com esquemas métricos, rítmicos e rítmicos sofisticados e tradicionalista; o destaque ao erotismo e à sensualidade feminina; as referências à mitologia greco-latina; o esteticismo, a depuração formal, o ideal da “arte pela arte” (AMARAL, 2000, p. 179).

² O Simbolismo no Brasil aconteceu no início de 1893 e finalizou por volta de 1902. Tendo como características: Mistério, fantasia e sensualismo; subjetivismo e individualismo; aproximação da poesia e da música; universo onírico e transcendental; valorização da espiritualidade humana; exploração do consciente e inconsciente; combinações sonoras e sensoriais; uso de figuras de linguagem (AMARAL, 2000, p. 188).

³ O Pré-Modernismo, teve início em 1902 e terminou em 1922-Semana de Arte Moderna. Com as principais características: rompimento com as estruturas do passado; volta às origens; linguagem coloquial; valorização do índio brasileiro; amadurecimento das ideias de 1922; nova postura artística; versos livres; poesia sintética (AMARAL, 2000, p. 200).

Através deste estudo analítico, respondemos ao questionamento: Como o erotismo se reflete nas poesias de Gilka Machado, considerando que a escritora viveu em um momento de repressão social feminina, uma das primeiras vozes a romper com essa opressão?

No que se refere aos procedimentos metodológicos, esse estudo é de caráter bibliográfico e de cunho qualitativo e literário. Utilizamos livros, teóricos e artigos, constituindo fundamentação teórica de suporte para este trabalho. Os principais pontos analisados são o lugar da mulher e o processo de transgressão feminina na sociedade e o erotismo destacado nos poemas de Gilka Machado. Para isso, estudos como os de Silva Paixão (1991), Gilka Machado (1991), Gilka Machado (2017), Mary Del Priore (2000), Rose Muraro (1972), Júlio César T. Dias (2013), Olivia Fonseca (2011), dentre outros foram fundamentais para discutirmos a importância de conhecer as obras literárias da autora Gilka Machado, uma vez que, a escritora rompe com o silêncio feminista e com a ideologia prescrita pela sociedade da sua época. Além de mostrar as barreiras e rejeições encontradas pela poetisa nesta trajetória ao compor seus versos eróticos.

Este estudo, portanto, não traz somente a vida e a obra de uma autora que se rebelou contra padrões de uma época, da qual falaremos com mais detalhes a seguir, mas é contribuição para e pelas mulheres, muitas vezes, vítimas de abusos em uma vida social que, nem sempre é reconhecida e respeitada, não tendo uma vida justa nem humana.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: mencionamos o objeto selecionado, o problema exposto, os objetivos definidos e, em três sessões assim o apresentamos. A primeira sessão está reservada para as discussões teóricas de como foi e ainda é o lugar e direito da mulher na sociedade brasileira, e, também como surgiram os versos considerados eróticos da autora estudada. Na segunda, descrevemos a pesquisa, aprofundando mais na autora e em suas obras, baseando em pesquisas feitas sobre ambos os pontos. Na terceira, a análise propriamente dita e as discussões dos poemas, findando com as devidas considerações finais.

1 MULHER: SILENCIADA PELA SOCIEDADE

Ao abordarmos a mulher na sociedade e seu percurso histórico, destacamos a importância de, não somente falar delas pela alusão à sua história, mas também pela necessidade de falar de situações que as cercam, como a família, os filhos, o casamento e o trabalho, a história de seu corpo, enfim, de tudo o que integra as suas particularidades. Para tratar dessa retrospectiva histórica feminina, utilizarmos, então, algumas historiadoras, entre elas se destaca, a autora historiadora, Mary Dell Priore (2000; 2013). Aliás, é ela que nos leva a discutir o processo de domínio feminino, indicando, que, desde a antiguidade, o homem era o ser dominante, principalmente devido à força física. Por essa condição, fornecia e providenciava todos os mantimentos para sua família, enquanto a mulher deveria se sentir segura e grata por ter um homem que cumprisse suas funções. À mulher, cabia-lhe o papel de ser mãe e esposa, suas atividades sendo resumidas somente a tarefas domésticas, tendo essa distribuição, justificada em tarefas, cujas raízes, muito antigas, encontram-se explicadas na pré-história.

Os homens caçavam, as mulheres ficavam com o grupo. Os homens protegiam, as mulheres cuidavam [...] O homem a cada dia arriscava sua vida em um mundo perigoso e hostil, caçando para levar o alimento à sua mulher e filhos e enfrentando inimigos e animais selvagens [...] A mulher passava o dia cuidando das crianças, colhendo frutos e sementes e se relacionando com as outras mulheres do grupo. Não tinha que se preocupar com a parte principal do abastecimento de comida, e seu sucesso estava ligado à capacidade de manter a vida em família (PEASE, 2000, p.10).

Percebe-se que, a sociedade tinha uma forma de organização que se manteve, conforme o passar do tempo, onde o lugar da mulher era no abrigo, em segurança e cuidando dos filhos. Porém, na pré-história, essa forma de organização estava ligada à sobrevivência e não como meio de dominação, como aconteceu posteriormente.

As mulheres, por anos, viveram e muitas ainda vivem sobre a ideologia da domesticação e vêm tentando criar espaços contrários a essas formas repressoras e, a despeito de todas as dificuldades, encarando as lutas para ocupar um lugar em pé de igualdade com o homem na sociedade, como aborda que,

Pobre ou rica, a mulher possuía, porém, um papel: fazer o trabalho de base para todo o edifício familiar – educar os filhos segundo os preceitos cristãos, ensinar-lhes as primeiras letras e atividades, cuidar do sustento e da saúde física e espiritual deles, obedecer e ajudar o marido. Ser, enfim, a ‘santa mãezinha’. Se não o fizesse, seria confundida com um ‘diabo doméstico’ (PRIORE, 2013, p.9).

Partindo aos princípios religiosos, de acordo com os ensinamentos da Bíblia e escrituras, livros que são fontes e trazem o pensamento religioso, percebe-se que, desde a criação da mulher, apresentada nos textos bíblicos, ela é alvo de concepções ligadas a inferioridade perante o homem. Vejamos,

Javé Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante’. [...]Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne. Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: ‘Esta sim é osso dos meus ossos e carne na minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi retirada do homem! (BIBLÍA, Gênesis, 2008, 2: 18, 23, p. 8-9).

Assim, é fato que, desde os pensamentos bíblicos, a mulher carrega sobre si as marcas de inferioridade por razões consideradas de dependência ao homem, como se analisar a partir da questão de surgir de uma parte do homem. Em outras palavras, segundo Priore (2000), devemos considerar que houve uma má formação da primeira mulher, por ela ter sido criada a partir da costela do homem, e, por assim dizer, contraria a honestidade do homem. Em relevância a essa suposta falha, a má formação, a mulher é considerada um animal imperfeito, “As mulheres, animais imperfeitos, são por natureza mais impressionáveis e mais propensas a receberem a influência do espírito descorporificado” (PRIORE, 2000, p. 47).

Como se isso não bastasse, logo depois, Eva, comete o primeiro pecado da humanidade ao provar e dividir com Adão “o fruto da árvore proibida”.

Viu, pois, a mulher que o fruto da árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e de aspecto agradável; e tirou do fruto dela, e comeu; e deu a seu marido, que também comeu. E os olhos de ambos se abriram; e tendo concebido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas. (BIBLÍA, Gênesis, 2008, 3: 6,7, p. 9).

Assim sendo, soma-se essa carga de inferioridade, a ideia da mulher como sedutora, capaz de levar o homem à tentação e ao perigo. Se, ao menos, esses textos fossem analisados em consonância ao contexto e em associação com outras situações que pudessem contribuir para uma interpretação deles de forma mais contextualizada.

O ato de desobediência e persuasão foram e são, muitas vezes, considerados grave e como parcela de culpa exclusiva à mulher, cuja ação influenciou todo o futuro da humanidade, condicionando, a partir de então, a mulher a uma suposta situação de inferioridade ao homem e, posteriormente, a esse pecado. É como se Deus impusesse à mulher essa sentença de ser

governada, para sempre, pelo marido, sendo um ser de pecado, cometido por Eva, “[...] a mulher podia ser perigosa, mentirosa e falsa como uma serpente” (PRIORE, 2013, p. 9).

Dessa forma, nos diversos contextos, a situação requer discussões, a exemplo do que acontece no brasileiro. Desde o período Colonial do Brasil, vemos a carga de domínio que lhe atribuída, precisando ser domada e dominada a partir dos preceitos e ensinamentos bíblicos, de acordo com Priore (2000), a igreja e o Estado por meio destes ensinamentos criavam leis bastante duras e rigorosas com o objetivo de abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social. Assim, toda igreja tinha forte poder e pressão para dominar a mulher e o argumento exercido era simplesmente, “[...] o homem era superior, e, portanto, cabia a ele exercer a autoridade” (PRIORE, 2000). Sendo assim, a mulher, ficando em processo de dominação, sendo propriedade privada do homem e da igreja. Por esse viés, “A menina era um corpo cansado, sempre encurvado na almofada. Não distraía o espírito, nem brincava porque era menina e devia estar sempre quieta” (PRIORE, 2013, p.15).

Assim, as mulheres estavam sempre sujeitas aos seus maridos, pais, irmãos concebidos como o senhor e autoridade do lar. “Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam às mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos” (PRIORE, 2000, p. 46). Em consequência do erro cometido por Eva, à mulher estava condenada a pagar eternamente pelo fato de ser a primeira fêmea, a cometer o ato pecaminoso, e agora às mulheres eram obrigadas a se vestirem decentemente, seguindo as ordens e mantendo a submissão operada pelo homem, pois, assim, se tornavam mulheres honradas.

Priore (2000) ainda ressalta que, é nesse período, com prazer ou sem prazer, com paixão ou sem paixão, que a menina se tornava mãe, honrada, criada na casa dos pais e casada na igreja. Na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher. Nesse pensamento, a mulher concluíva seu ciclo natural ao ser filha, mulher e mãe. Caso a mulher não cumprisse todas as imposições e, se as desobedecesse, evitando, por exemplo, a ter filho, ao usar métodos contraceptivos, a igreja católica considerava, e ainda hoje considera, uma desobediência e um pecado. Nesse sentido, a mulher não tinha um lugar ou papel ativo, vivo e movimentado na sociedade a não ser se submeter e se sujeitar as condições masculinas impostas. O casamento à mulher era um controle, estava vigiada pela igreja, desde muito cedo e seus sentimentos eram domesticados e abafados.

A própria igreja, que permitia casamentos tão precoces, cuidava disso no confessionário, vigiando de perto gestos, atos, sentimentos e até sonhos, como

instruem os manuais de confessores da época, com perguntas muito objetivas, para saber:

Se pecou com tocamientos desonestos consigo ou com outrem.

Se tem retratos, prendas ou memórias de quem ama lascivamente.

Se solicitou para pecar com cartas, retratos ou dádivas.

Se falou palavras torpes com ânimo lascivo.

Se fez jogos de abraços ou outros semelhantes desonestos.

Se teve gosto e complacência dos pecados passados ou de sonhos torpes.

Se se ornou com ânimo de provocar a outrem a luxúria em comum ou em particular.

Se fez jogos de abraços ou outros semelhantes desonestos.

Se teve gosto e complacência dos pecados passados ou de sonhos torpes. (PRIORE, 2000, p.51).

Os critérios da igreja, portanto, são os que orientavam os desejos e sensações da mulher, precisando ser domada. A partir desses controles, formavam a mulher para o casamento, que podia ser com homens mais velhos, muitas vezes, eram escolhidos pelos pais.

A repressão à mulher e sua submissão aos valores daquela época, gerava grande interferência da Igreja Católica na vida do casal, pois ela aconselhava os varões a viverem espertos às suas mulheres, por elas sempre eram consideradas como desvios da sociedade; A Igreja católica explorou as relações de dominação que presidiam o encontro de homem e mulher dentro de casa, incentivando a última a ser exemplarmente submissa. A relação de poder já implícita na escravidão se reproduzia nas relações mais íntimas entre marido e mulher, condenando esta a ser uma escrava doméstica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe de família com sexo, dando-lhe filhos que assegurassem sua descendência e servindo como modelo para a sociedade com que sonhava a Igreja (PRIORE, 2013, p. 10).

Nessas condições, por que alfabetizá-la? No Brasil colonial, por exemplo, a educação das mulheres não era permitida. É como se fosse um ser a ser reprimido e necessitando somente de ter sua personalidade domada, a fim de que não se desviasse de suas funções. “Em 1651, o poeta e escritor Gregório de Matos, afirma em sua carta de guia de casados ‘que às mulheres bastavam às primeiras letras, visto que seu melhor livro é a almofada e o bastidor’” (PRIORE, 2000, p. 50). Só bem mais tarde é que a leitura e a escrita foram sendo práticas permitidas a elas, mesmo assim com restrições, “[...]ler e escrever pressupunha um mínimo de educação formal, que podia realizar-se em casa ou em recolhimentos, este último caso indicando um estilo de vida conventual, em ambiente de clausura” (PRIORE, 2000, p.50).

No Brasil Império, a mulher consegue destaque e começa a ser enxergada a partir da sexualidade, no entanto, a sexualidade, nesse caso, é a que foi administrada pelos médicos. Todos conhecimentos existentes dos médicos eram voltados para o corpo e para a reprodução feminina; estes revelavam enorme interesse pelo útero e para estudar seu funcionamento.

O esforço da medicina em estudar o útero era proporcional ao mistério que a mulher representava como receptáculo de um depósito sagrado, que precisava frutificar. Tal

mistério era refutado por uma crença geral: a fêmea não devia ser mais do que terra fértil a ser fecundada pelo macho” (PRIORE, 2000, p. 82).

A medicina traduzia as poucas descobertas sobre a natureza feminina em caminhos fortemente de desprezo e sempre desconfiados das funções do corpo da mulher.

Na tentativa de isolar os fins aos quais a natureza feminina deveria obedecer, os médicos reforçavam tão-somente a ideia de que o estatuto biológico da mulher (parir e procriar) estaria ligado a um outro, moral e metafísico: ser mãe, frágil, e submissa, ter bons sentimentos (PRIORE, 2000, p. 83).

Assim, os médicos valorizavam o útero da mulher e a sexualidade feminina a partir de sua função como um órgão reprodutor e cumprir uma disciplina, mas não no sentido de realização e prazer.

Os médicos irão até o final do século XIX prevalecer sobre a população feminina suas verdades e conceitos. A mulher detentora dessa investida se tornará controlada e sua vida regulada pela ciência médica. Essa intervenção não significará necessariamente para a mulher uma relação de prazer e visibilidade de seu próprio sentido (MENDONÇA & RIBEIRO, 2010, p. 6).

Nesse período, para que a medicina construísse um olhar de dominação masculina em relação à mulher. “A misoginia do período empurrava para o território onde o controle era exercido pelo pai ou marido” (PRIORE, 2000, p. 84).

Já no século XX, a partir do pensamento do filósofo Rousseau, diante de concepções voltadas para a religião, políticas e intelectuais, procuram dar uma nova definição do lugar da mulher na sociedade. Nesse momento acontecia, também, uma modernização nas cidades, chegando à indústria possibilitando, assim, oportunidades de trabalho para a mulher. Com a urbanização das cidades, a mulher não mais ficava presa somente a igreja e ao mundo rural, “[...]as elites trocaram a vida fechada e isolada do mundo rural e dos pequenos núcleos urbanos, que tinha a igreja como principal espaço de sociabilidade, pelas novas formas de reunião social e de diversão abertas com a modernização das cidades” (PRIORE, 2000, p. 575).

Com toda essa modernização acontece a incorporação da mulher no mercado de trabalho, porém o trabalho feminino nas indústrias passou a ser relacionado com temas da sexualidade, com isso, a sociedade moderna ameaçava a moral da mulher, pois considerava o âmbito de trabalho feminino como um cabaré. E também para muitos o trabalho feminino levaria o rompimento de uma família, já que, ao ver dos conservadores, a mulher se dedicaria somente ao trabalho e deixaria a desejar cuidados ao filho e ao marido, logo, não teria quem educar o filho prejudicando, assim, a formação de seu caráter futuramente. Percebe-se, que a

mulher mesmo com a oportunidade de emprego, o ser dominante tenta impedi-la de atuar, já que, eram sempre vistas para as atividades domésticas.

De que modo as mulheres que passavam a trabalhar durante todo o dia, ou mesmo parcialmente, poderiam se preocupar com o marido, cuidar de casa e educar os filhos? O que seria se nossas crianças, futuros cidadãos da pátria, abandonados nos anos de mais importantes de formação do seu caráter? (PRIORE, 2000, p. 588).

No século XX, o número de mulheres no mercado de trabalho é grande, não pelo fato de ser uma mão de obra qualificada desejada pelas indústrias, mas sim por serem mão de obra barata, inferior à do homem, desse modo, as mulheres eram exploradas pelas grandes indústrias. Até que as forças femininas são substituídas pelas forças masculinas, surgindo então grandes obstáculos para a mulher conseguir participar dos negócios e alcançar um salário igualitário. Priore (2000) ainda afirma que, para muitos médicos e maridos, o trabalho feminino, fora do lar e do ambiente doméstico, levaria a desagregação da mulher e da família.

1.1 Em busca de liberdade e espaço na sociedade

Como vimos, anteriormente, a mulher sempre foi vista e considerada inferior com relação ao homem, sendo ela obrigada a viver em submissão em relação ao sexo masculino e sujeita à classe dominante opressora. Nessa condição, não tendo direito a educação, ao sexo por prazer, à democracia política, dentre outros direitos que poderiam lhe favorecer o respeito dignos do ser, não se resumindo somente ao que era vista, um ser doméstico para atender seus pais e maridos e para procriar.

Ao decorrer dos tempos, com toda essa modernização, com as indústrias e as fábricas, as mulheres vêm procurando seu lugar na sociedade, estando em busca de se sentirem importantes e significantes, de participarem do meio social que apenas era formado por opressores. Dessa forma, iniciaram um protesto, através de revistas, defendendo os benefícios do trabalho feminino fora de casa, “[...]o trabalho é uma necessidade que a civilização nos impõe. O capitalismo, por sua vez, é uma das condições dentro das quais o feminismo surge” (TIBURI, 2018, p. 12). A partir da modernização, a mulher sente a necessidade de estar ao meio da sociedade. Para tanto, segundo Priore (2000), “Uma mulher profissionalmente ativa e politicamente participante, comprometida com os problemas da pátria, que debatia questões nacionais, certamente teria, melhores condições de desenvolver seu lado materno” (PRIORE, 2000, p. 590). Assim sendo, além de ser uma mulher profissionalmente ativa, ela exercia e exerce suas atividades no lar.

Outro aspecto discutido por elas era as condições de trabalho, principalmente, das trabalhadoras mais pobres, sendo essas, operárias com más condições de trabalho, salários baixíssimos e com grande quantidade de filhos para criarem. Segundo Muraro (1972, p.167),

O trabalho feminino é a primeira fase da libertação da mulher e que esse trabalho para ser valido, num país subdesenvolvido como no Brasil, tem que estar necessariamente dentro da dinâmica do desenvolvimento. Assim, a mulher brasileira só encontrará a sua maturidade se entrar globalmente no processo de desenvolvimento do país.

Partindo dos protestos e lutas femininas, surge o feminismo, movimento que visa igualdade feminina com relação ao homem - uma classe, em sua maioria, machista, sexista, preconceituosa e misógina buscando seu lugar e direito, na sociedade, mas nunca aceito pelo lado oposto, sendo rejeitado e criticado. Segundo Marcia Tiburi (2018), o feminismo é uma dessas palavras odiadas e amadas em intensidades diferentes. Assim, como há quem simplesmente rejeite a questão feminista, há quem se entregue a ela imediatamente.

As mulheres buscam vozes para romper com o tamanho silêncio existente entre elas. Tiburi (2018) afirma que é preciso lutar pela fala, é preciso permitir a solidariedade entre os discursos que exigem direitos. A solidariedade não pode ser descartada, ao contrário, em certos contextos, ela deve até mesmo ser exigida, favorecendo lhes um lugar de fala a se construir um contexto dialógico. Sua luta é um conceito que implica oposição, implica necessariamente o diálogo. A conquista, a defesa de direitos e a ocupação dos lugares de fala não se sustentam fora disso.

O movimento é por tudo e todas e, não uma luta individual, pois,

Lutar por direitos não significa lutar pelos próprios direitos em um sentido individual. A noção de direito implica sempre a sociedade. Por isso é que podemos dizer que a luta é lugar de todos, ou seja, não apenas a aparência, mas a presença concreta das diferenças objetivas e subjetivas (TIBURI, 2018, 55-56).

Neste contexto, Muraro (1972) afirma que o homem e mulher não exercem sobre o outro a menor forma de dominação ou sedução, ou seja, a luta feminista não busca superioridade e sim igualdade, pois cada um se baseia no outro, podendo se firmar, quando necessário e não o poder de dominação e manipulação.

É fato que, as mulheres, sempre viveram as injustiças criadas sistematicamente pelo poder, então o movimento busca uma democracia voltada para garantia de direitos, como educação que é fundamental para todos, e, qualquer pessoa inclusive as mulheres, para obterem direito de se manifestar e de se livrar de condutas desrespeitosas e de violências físicas. O movimento feminista, com certeza, abriu espaço para inúmeras mulheres, pois segundo Márcia Tiburi (2018) nos ajuda a melhorar o modo como vemos o outro. Dá-nos direito de ser quem se é, de expressar livremente a forma de estar e de aparecer e, sobretudo, de se autocompreender.

Assim, a mulher constantemente desconstrói a ideologia misógina do desprezo, da desigualdade e da inferioridade imposta culturalmente sobre ela. Tiburi (2018) vem colocar que, o patriarcado é um sistema profundamente enraizado na cultura nas instituições. É esse sistema que o feminismo busca desconstruir. Ele tem uma estrutura de crença firmada em uma verdade absoluta, uma verdade que não tem nada de verdade, que é, antes, produzida na forma de discursos, eventos e rituais. Em sua base está sempre repetida de haver uma identidade natural, dois sexos considerados normais, a diferença entre os gêneros, a superioridade masculina, a inferioridade feminina e outros pensamentos que soam bem limitados, mas que ainda são seguidos por muita gente.

A partir das lutas por melhorias, as mulheres vão ganhando espaço na sociedade dominadora. Segundo Souza, Kazmierczak e Couto (2012), o feminismo pode se dividir em três fases: a primeira com o objetivo principal de igualar o direito entre os gêneros. Aconteceu no século XIX e se observa o esforço para o rompimento do casamento arranjado e o fim da ideia de que a mulher é propriedade privada do homem. Sobre essa luta, as primeiras iniciativas objetivaram aumentar o poder de influência política e também o poder de se relacionar livremente sem nenhum constrangimento ou opressão. Sobre a segunda fase, aconteceu na década de 60, seguindo até a década de 80. Neste período, já possuindo de alguns direitos, houve uma correção de trajetória, pois nesse momento as demandas estavam focadas na igualdade de direitos contra a discriminação. Na última fase, tem o início na década de 90. O movimento feminista da terceira fase dava ênfase a micropolítica e, voltava a questionar os termos da segunda fase, sobre o que é ou não bom para as mulheres.

Mesmo em meio a muitas lutas, protestos e movimentos, percebe-se que a mulher ainda é considerada como um produto a ser consumido pelos homens, visto que, mesmo na contemporaneidade, vemos como cresce desesperadamente o número de violência, verbal, física, psicológica, dentre outras, contra a mulher. Sem contar as que sofrem caladas por não terem coragem de se manifestarem, pois ainda vivem em grande submissão.

Em meio a todos esses movimentos, as mulheres buscavam também um lugar na literatura. Para Fiorin (2001), tem-se, por meio da literatura, uma linguagem como meio transmissor de ideologia, podendo disseminar um modo de pensar, convencer as pessoas a fazerem ou não algo. Também, através da arte da escrita, faz-se possível abrir os olhos de quem não consegue enxergar a dominação de um grupo, contribuir para refletir e causar um rompimento ideológico. Assim, na sociedade brasileira, no século XIX, começaram a existir diversos versos expressivos, antes, sendo somente de vozes masculinas e brancas que explicavam a mulher, o negro, o índio, enfim, o outro, o diferente, conforme seus interesses.

Século XIX, é bom repetir. E neste nosso século não foi um escândalo quando Gilka Machado ousou escrever sobre o amor sexual naqueles seus flamejantes poemas? Antes, a mulher era explicada pelo homem, disse a jovem personagem do meu romance *As meninas*. Agora é a própria mulher que se desembrulha, se explica. Não esquecer que as nossas primeiras poetisas encontraram naqueles diários e álbuns de capa acetinada o recurso ideal para assim registrarem suas inspirações, era naquelas páginas secretas que iam se desembrulhando em prosa e verso (PRIEORE, 2000, p. 671).

Nesse sentido, a partir desse momento a mulher passou ser explicada por ela mesma, ela própria passa a esclarecer seus pensamentos, sentimentos e desejos, como destaca a autora

citadas acima, nesse momento surge Gilka com seus poemas eróticos considerados pela sociedade ousados, como podemos averiguar nos versos abaixo:

ÂNSIA MULTIPLA

Beija-me Amor,
beija-me sempre e mais e muito mais,
___ em minha boca esperam outras bocas
os beijos deliciosos que me dás!

Beija-me ainda,
ainda mais!
Em mim sempre acharás
à tua vida
ternuras virginais.

Beija-me mais, põe o mais cálido calor
nos beijos que me deres,
pois viva em mim a alma de todas as mulheres
que morreram sem amor! (MACHADO, 1991, p.231)

Percebemos que Gilka, vivia não só sua vida, mas também de todas as mulheres que não tiveram coragem de expressar e sentir suas emoções e prazeres.

2 A LITERATURA ERÓTICA: O ESPAÇO FEMININO

Falar da condição feminina na escrita, nos tempos remotos, é de certa forma resgatar um período de sofrimento, pois, como dito anteriormente, a mulher não tinha possibilidade de viver como cidadã e usufruir de seus direitos no meio social, nem muito menos poder ser alfabetizada. Assim, pouquíssimas eram as mulheres alfabetizadas, poucas escreviam, com exceção, de um pequeno número se consistia, normalmente, em donzelas e freiras, normalmente, mulheres com funções definidas e controladas pelo poder opressor referente às instituições que estavam no comando social.

Segundo Paixão (1991) antes de meados do século XIX, somente uma mulher imprimiu seus versos, Ângela do Amaral Rangel. Uma mulher cega, desde que nasceu, no Rio de Janeiro em 1725, deixa alguns impressos.

Então, só a partir de meados ao fim do século XIX, com a indústria e modernização, que a emancipação intelectual da mulher inicia na sociedade. É nessa época que surge algumas descrições das condições femininas daquela época através das crônicas, artigos e contos, identificando publicações em revista *A Mensageira*. E assim a imprensa feminina ajuda a conceder e formar um espaço público para mulher.



FIGURA 1

A Mensageira "revista literária dedicada à mulher brasileira", lançada por Prescilliana Duarte de Almeida (1867-1944), circulou, em São Paulo, entre os anos de 1897 a 1900.

Destinada à produção literária feminina, publicava também artigos que defendiam a emancipação das mulheres, reivindicando especialmente uma educação de qualidade. Em suas páginas figuravam nomes como os da escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e da portuguesa Guiomar Torrezão (1844-1898), escritora e líder feminista.

Segundo Paixão (1991), no Brasil, a mulher se torna leitora, quando elas formam um grande público ao ler os romancistas da época, embora, no mesmo período haja, também, simultaneamente, muitas mulheres fora do processo educacional. Nesse caminho, os romances penetram no interior das salas, em meio aos bordados, e cestas de costuras de algumas das mulheres. E, assim, na esfera do lar, vão construindo seu mundo particular, inspiradas nas personagens criadas pelos escritores, se dividindo em dois espaços da casa, no privado como uma mulher leitora, e no íntimo uma mulher escritora. Elas se continham nessa dualidade por medo de serem descobertas.

Ao se trancar nesse momento íntimo do quarto, surgia a mulher escritora, na esfera proibida, porém, nesse momento a mulher não escrevia apenas das condições femininas sócio-política, “[...] mas também de mostrar o que existe de mais íntimo do ser, as suas fantasias, os seus desejos e ideias” (PAIXÃO, 1991, p.23).

Produzindo essa literatura de revelar o íntimo o interior de seu corpo, a mulher se concentra, segundo Paixão (1991), na falta, na ausência que se torna presa do desejo de incorporar o outro em si. “Na poesia feminina, a fala do corpo do ser amado, ausente. O fetiche se apropria da fantasia, projetando-se na realidade, constituindo uma forma de fazer falar o outro, através do corpo que é desmontado” (PAIXÃO, 1991, p.23). Em meio essas poesias produzidas estavam a de Gilka Machado que “[...] dissolve esse corpo ausente em partes, falando da voz, dos cabelos, da mão, da boca, dos olhos, da língua” (PAIXÃO, 1991, p.23). Ao dissolver, dividir, nas poesias esse corpo ausente, a mulher seduz e sensualiza essas partes fixas como a língua, a boca e essa sensualidade, consideramos como erótica.

Paixão (1991), afirma que o erotismo é a procura constante pela outra parte que se encontra perdida, é a busca da continuidade de si próprio, e através dessa busca que somos capazes de expressar nossos desejos e prazeres, não devendo ser confundido com a pornografia, nem muito menos com a sexualidade considerando somente a reprodução.

O erotismo não deve ser confundido com o pornográfico, muito menos a sexualidade. A atividade sexual da reprodução é comum aos animais, mas no homem vai se apresentar de maneira diferente: os homens transformam a sexualidade em atividade erótica. Porque somos humanos capazes de representar o nosso desejo. O erotismo é parte do psicológico, do interior do ser humano e se exprime através da linguagem. Essa mesma linguagem

apresenta-se de forma específica na poesia feminina, estabelecendo um paradigma do ser mulher. A busca de complementação, condição para que existia o erótico, marca toda a linguagem poética da mulher, como podemos comprovar na leitura que ora desenvolvemos (PAIXÃO, 1991, p. 154).

Ainda segundo Paixão, a sociedade sempre reprimiu a prática de demonstrar o prazer que surge, pois é no corpo que mostramos que somos incompletos, descontínuos a procura de algo que nos complete. Nessa procura de complementação é que se dá origem do erotismo. “O erotismo aparece no desnudamento” (PAIXÃO, 1991, p.140). A poesia de Gilka Machado é essencialmente erótica no falar das sensações provocadas pelo prazer do tato. Na mulher, a interdição explode pelos sentidos, numa ânsia de se desnudar e absorver o Outro em si. (PAIXÃO, 1991, p. 140).

Fonseca (2011), afirma que o indivíduo busca alcançar o erotismo, estado de completude, pelo sagrado, pelos corpos e pelos corações. O erotismo existe pela violência, pela violação. Somos seres acostumados à descontinuidade e ao individualismo. Por isso, num primeiro momento, negamo-nos à entrega erótica, que culminará com o gozo erótico dos corpos, ou dos corações, ou do sagrado. Após a transgressão, transcendemos: saímos da descontinuidade, do estado normal, e buscamos a continuidade, a completude, o estado erótico.

Ainda segundo Fonseca (2011) o erotismo é uma linguagem corporal e verbal, estabelecendo um diálogo entre parceiros, compartilhando ideias e experiências, cultivando um sentimento, e encontrar-se no prazer com o outro.

O erotismo é o cultivo do sentimento, expresso pela sensação corporal, em um contexto comunicativo; uma arte de dar e receber prazer. [...] O erotismo é a sexualidade reintegrada em uma ampla variedade de propósitos emocionais, entre os quais o mais importante é a comunicação (GIDDENS, 1993, p. 220 *apud* FONSECA, 2011, p. 36).

Ao se tratar da literatura feminina na sociedade brasileira, no final do século XIX e início do século XX, percebemos que apenas os homens tinham lugar na escrita, apenas os homens podiam expressar, explicar e manifestar por meio dos versos, então a sociedade literária era apenas formada pelo sexo masculino como: José de Alencar, Oswald de Andrade, Castro Alves, Lima Barreto, Olavo Bilac, sendo eles os grandes literários do período, porém, a partir de muitas lutas exercidas pelas mulheres, como exposto anteriormente, surge Gilka Machado, uma precursora no combate pelos direitos da mulher em alcançar as representações do desejo na poesia, fazendo do erotismo uma forma de vivenciar o seu encontro com o Outro,

numa tentativa de ⁴desrepressão do corpo, a única maneira de reconciliar o instinto de morte com o instinto de vida.

Assim, Gilka se torna um espelho para as próximas escritoras que vão surgindo como Júlia Cortines Laxe, Adélia Luzia Prado Freitas, Hilda de Almeida Prado Hilst, dentre outras a dar forma às vozes femininas para ressoarem até nos dias atuais. Para entender melhor quem é Gilka Machado, a seguir um pouco da sua biografia.

⁴ Ato ou efeito de desreprimir. A qual significa fazer cessar a repressão existente contra.

2.1 Gilka Machado: versos femininos para além do seu tempo



FIGURA 2

Gilka da Costa Melo Machado, poetisa e umas das primeiras vozes femininas no Brasil. Nasceu no dia 13 de março de 1893, na cidade do Rio de Janeiro, numa rua chamada Colina. Filha do poeta Hortêncio da Gama Souza Melo e Thereza Christina Moniz da Costa, atriz consagrada no palco e no rádio-teatro. E faleceu no Rio de Janeiro, em 11 de dezembro de 1980.

Teve, em sua família, gênios brilhantes como Francisco Moniz Barreto, o maior poeta repentista da língua portuguesa, e Francisco Pereira da Costa, o maior violinista de sua época, assim considerado no Brasil e na Europa.

Seus primeiros versos tiveram início em trabalhos escolares e desde a sua infância suas composições eram em forma de versos e prosas. Aos treze anos de idade foi vencedora de um concurso pelo jornal *A Imprensa*, do qual foi premiada com o poema *Falando à Lua*. Sendo assim, vencedora, Gilka recebe muitos elogios, mas também recebe muitas críticas sustentadas pelo machismo, que a deixa muito triste e machucada com a situação,

Logo depois, um crítico famoso escrevia que aqueles poemas deveriam ter sido laborados por uma matrona imoral. Quase criança, comunicativa, indiscreta e falaz, saindo de mim mesma, contando meus prazeres e tristezas, expondo os meus defeitos e qualidades, eu pensava apenas em dar novas expressões à poesia. Aquela primeira crítica (por que negar) surpreendeu-me, machucou-me e manchou o meu destino. Em compensação, imunizou-me contra a malícia dos adjetivos. (MACHADO, 2017, p. 14).

Casou-se no ano de 1910 com o crítico e jornalista Rodolpho Machado, e teve dois filhos: Heros e Hélios. Em um momento de inspiração, ela escreveu um poema em dedicação a eles.

Helios e Heros

Filhos meus — duas forças bem pequenas
que amo, e das quaes sustar quizera o adejo;
pequenas sempre fora meu desejo
tel-as, aconchegadas e serenas.

Filhos meus — delles vem, delles, apenas,
a humilhação servil em que me vejo;
mas, si o penar a um filho é bemfazejo,
para uma alma de mãe que valem penas?
Eu, que feliz, toda entusiasmo, d'antes,
via os seres tornarem-se possantes,
vejo-os crescerem com pezar, com zelos.

Vejo-os crescerem, ensaiarem threnos,
e, no entanto, quizera-os tão pequenos
que pudesse nas mãos sempre trazel-os. (RKAIN, 2017, p. 146).

No poema dedicado a seus filhos, Gilka questiona se vale realmente se servir e penar pelos filhos e, ao mesmo tempo, ela se sente feliz e entusiasmada pela maternidade, desejando que eles continuem pequenos para assim tê-los em suas mãos.

Ficou viúva em 1923 e sem herança e nenhum seguro, teria urgentemente que trabalhar para o sustento de suas crianças, mas as portas se fecharam, devido à má fama que era inacabável, assim, além de viúva, era mal vista por escrever seus versos considerados eróticos e imorais pelos críticos leitores da época.

Com ajuda de um amigo, poeta, padrinho de sua filha, arranja um emprego de diarista, o salário não supria as necessidades e despesas da casa. Então, surge uma grande ideia de abrir uma pensão e mais uma vez, sendo ajudada pelo seu amigo, Pereira da Silva. Nessa pensão por muitas vezes foi faxineira, cozinheira, moça de muita coragem para enfrentar com fé e garra toda essa batalha, assim como diz a própria Gilka, “[...] moça corajosa e sadia, assumi com fé e esperança a nova faina” (MACHADO, 2017, p. 15).

Mesmo com toda sua luta, continuava escrevendo seus versos sendo reconhecida como a melhor poetisa brasileira pela revista *O Malho*. Segundo Gilka, se vendo como uma pobre, sem prestígio social nem imaginava como vencedora.

Duzentos intelectuais, os melhores do momento, seriam eleitores escolhidos. O voto seria nominal. Venci por grande maioria. Algo de estranho acontecia e sorri orgulhosa

dos colegas que votaram em mim sem que eu solicitasse. Vencera. Uma nova mentalidade surgira (MACHADO, 2017, p. 15).

Suas obras principais foram *Cristais Partidos* (1915), *Estado de Alma* (1917), *Mulher Nua* (1922), *Meu Glorioso Pecado* (1928) e *Sublimação* (1938). Em 1978 publica o livro *Poesias completas*, este reúne todos seus títulos.

A autora Gilka Machado expressa em seus poemas o desejo de liberdade da mulher, enfatizando seus versos eróticos, valorizando assim seus versos poéticos, como recurso capaz de protestar contra um discurso dominante. Constitui sua poética uma literatura feminina que é marcada, historicamente, pelo modo que visa romper o silêncio das mulheres nas manifestações poéticas e para representar o feminino com autenticidade, sem ocultar a verdadeira essência da mulher.

A artista audaz e insurrecta, aquela que ousou desafiar os padrões de comportamento com sua voz insubmissa, que penteava o direito feminino de expressão do desejo – essa ainda hoje está, fincada e enraizada definitivamente na literatura brasileira, tal como uma árvore (imagem que sempre lhe foi tão cara!), acenando, aos ventos futuros, com seu espírito desbravador, com seu atrevimento e sua arte (RKAIN, 2017, p.23).

A autora mostra que Gilka não se sujeitava a submissão, sentia-se uma desbravadora para expressar seus desejos e pensamentos. Apesar de na época a mulher não ter direito de exercer sua cidadania, tendo direito de cumprir apenas com suas atividades.

A República anulava bizarramente o feminino naquilo que (como sistema político) trazia de mais inovador: o direito à representatividade política, ao voto, ao sufrágio, e à cidadania. De maneira que, emblemática feminina, a República enaltecia a mulher para alijá-la de suas atividades de participação social (RKAIN, 2017, p.24).

O único “direito” que a mulher tinha para exercer era a maternidade, ser submissa ao lar, cumprindo os afazeres domésticos e satisfazendo os desejos e prazeres do marido, portanto, o direito à cidadania era somente voltado para os homens.

Gilka não se limitava as ordens da República, ela desvelava, através da escrita, o universo feminino, como se pode notar neste fragmento: Gilka “inicia o desvelamento do universo feminino e da sensualidade, expondo as carências, vicissitudes, os traumas e as paixões da mulher”, (RKAIN 2017, p.25). Com o rompimento que Gilka causara, perante a sociedade, todavia, existiam dois lados: aqueles que criticavam seus poemas e os que a admiravam, como Mário de Andrade e Jorge Amado.

Após publicar seus poemas na revista *Festa*, Mário de Andrade comenta com belíssimas palavras elogiando sua escrita, “[...] os poemas que foram publicados são

positivamente admiráveis a meu ver” (RKAIN, 2017, p.31). Além de ser, reconhecida e elogiada por Mário de Andrade, Jorge Amado, em 1977, enviou uma carta a Gilka convidando-a para se candidatar a uma vaga aberta na Academia Brasileira de Letras, pois, a partir deste ano. O regimento passava aceitar a eleição das mulheres e assim dizia: “entre as escritoras brasileiras, nenhuma merece tanto quanto a cara amiga, pertencer aos quadros da Academia, devido à importância de sua obra poética, uma das mais belas da Língua Portuguesa” (AMADO, 2017, p. 39 *apud* RKAIN, 2017, p.39). Infelizmente para ela era tarde demais o convite, pois já não mais se interessava pela vida literária. As inúmeras críticas e preconceitos, certamente, deixaram-na enfraquecida em sua carreira.

Os poemas, Estado de Alma e Momento Supremo, foram os escolhidos para a análise como acompanharemos no desenvolver deste estudo.

3 POESIAS SENSACÕES DE GOZO E DE PESAR

3.1 Estado de alma (1917)

Em 1917, Gilka publica o poema “Estado de Alma”, que apresenta aspectos simbolistas. Sua principal preocupação no poema é retratar o seu conflito interior, como nas características simbolistas. No poema, há um maior interesse pelo particular e individual do que pela visão em geral. A visão objetiva da realidade não desperta mais interesse, está focalizada sob o ponto de vista de um único indivíduo. O poema “Estado de Alma” ainda possui a rigidez formal da tradição parnasiana, mas começa a mudar sua temática, tendo como foco o interior do poeta e não a palavra.

É possível que Gilka, ao escrever seu poema, é poder buscar a sua identidade, na escrita, instigando dor ou prazer. O eu lírico não aguentava mais se esconder por detrás da ideologia dominante e se condenar por não poder usar a sua voz para demonstrar o que se pensa. Nos seus versos, Gilka vê refletida sua imagem de mulher na inteireza das sensações que definem o seu desejo.

Estado de Alma

Possa eu, da frase nos agrestes sons,
em versos minuciosos ou sucintos,
expressar - me, dizer dos meus instintos,
sejam eles, embora, maus ou bons.
(MACHADO, 1991, p.111-112)

No início do poema, a autora demonstra a sua insegurança e seu medo em falar o que realmente sente, sem as repressões que a sociedade exercia sobre o pensamento da mulher. Na primeira estrofe, ela se questiona se podia ou não escrever o que passava no seu interior, exteriorizando os seus instintos sendo eles maus ou bons. Percebe-se que quando o eu lírico feminino diz “expressar-me, dizer dos meus instintos, / sejam eles, embora, maus ou bons” (MACHADO, 1991, p.111-112). Ela mostra estar em conflito e dúvida, se perguntando se o que ela sente é bom ou mal, pensamentos consequentes de uma ideologia por muito tempo enraizada, fazendo com que as mulheres acreditem que ir além do que foi estabelecido é errado, pois desde cedo essas ideias foram implementadas na sua cabeça pelo sistema.

Quero me ver no verso, intimamente,
em sensações de gozo ou de pesar,
pois, ocultar aquilo que se sente,

é o próprio sentimento condenar.
(MACHADO, 1991, p.111-112)

Nesta segunda estrofe, o eu-lírico não consegue disfarçar a culpa diante do que é considerado pecaminoso – o prazer sexual – por mais que ela se entregue ao prazer íntimo é intrínseco seu sentimento de culpa, em virtude das ideologias, a quais está submetida, que pregam, em suas entrelinhas, que mulheres não devem sentir prazer, mas sim apenas proporcionar aos outros, os homens. Um pensamento retrógado, que, infelizmente, ainda se expõem na contemporaneidade, seja nos versos ou narrativas, bem como no dia a dia de muitas mulheres. Vê-se isso, nos versos, “Quero me ver no verso, intimamente, /em sensações de gozo ou de pesar” (MACHADO, 1991, p.111-112)

Que do meu sonho branco véu se esgarce
e mostre nua, totalmente nua,
na plena graça da simpleza sua,
minha Emoção, sem peias, nem disfarce.
(MACHADO, 1991, p.111-112).

Diferentemente da segunda estrofe, na terceira, o eu-lírico mostra o desejo de expressar os seus sentimentos e emoções sem disfarces, ele quer manifestar o que sente sem a interferência de nenhuma ideologia. O eu lírico, expõem a ação/desejo de reverenciar o rompimento da ideologia que era imposta, revelando-se insubmisso (a) a qualquer forma de dominação. Seguindo uma ideologia livre, na qual não é preciso mais cobrir os seus sentimentos, desejos e sensações exibindo como realmente se sente.

Quero a arte livre em sua contextura,
que na arte, embora pecadora, a Ideia,
deve julgada ser como Frinéia:
- na pureza triunfal da formosura.
(MACHADO, 1991, p.111-112).

Nesta quarta estrofe, Gilka, por meio do eu-lírico, ressalta que deseja que a arte dela seja livre das morais daquela época, seja livre de pensamentos carregados de submissão, patriarcalismo, desigualdades e discriminações. Que sua poesia contenha um ideal julgado pela sociedade, como se fosse um pecado, ela quer que seus versos sejam julgados como Frinéia, uma mulher muito bela da mitologia e que no Festival de Posidão em Elêusis, se despiu e entrou no mar, nua, na vista do povo, sua atitude não foi condenada, ao contrário, inspirou vários artistas. Com essa comparação, ela mostra o seu desejo oculto. A poetisa almeja que, com a

entrada dela na arte, mostrando-se do jeito que ela realmente é, ela possa inspirar outras mulheres a fazerem o mesmo, se despir de uma ideologia imposta.

Gelar minha alma de paixões acesa
por quê? Se desta forma ao mundo vim;
se adoro filialmente a Natureza
e a natureza é que me fez assim.
(MACHADO, 1991, p.111-112).

Na quinta estrofe Gilka se revolta, se pergunta em meio aos versos “Gelar minha alma de paixões acesa /por quê? Se desta forma ao mundo vim;” (MACHADO, 1991, p.111-112)

Nesses versos e nos demais da estrofe, nota-se, então, que ela chega à conclusão, de que não irá silenciar o que sente, e sim que ela irá expor, pois é da sua natureza, é algo que ela sempre vai carregar consigo, faz parte do seu instinto de mulher insubmissa.

Meu interno, tumultuoso, vário,
- mau grado o parvo olhar profanador –
no livro expondo como num mostruário:
sempre a verdade é digna de louvor.
(MACHADO, 1991, p.111-112)

Em seguida, na sexta estrofe, a autora mesmo com o seu sentimento exposto em uma arte, tornada de fácil o acesso a várias pessoas, com informações sobre as suas vontades e correndo o risco de ser julgada, ela diz que não se importa. Já que, tudo que está sendo escrito é o seu eu verdadeiro sem ser camuflado, e que expor a verdade é um ato que tem que ser encarado com muito respeito e admiração.

Fiquem no verso, pois, eternamente
as minhas sensações gravadas, vivas,
nas longas crises, nas alternativas
desta minha alma doente.

Relatando o pesar, relatando o prazer,
través a agitação, través a calma,
a estrofe deve tão somente ser
o diagnóstico da alma.
(MACHADO, 1991, p.111-112).

Nas últimas estrofes, Gilka, deixa claro o desejo de expor seu pensamento, pois só assim ela poderá ser imortal. Já que, assim, o seu modo de pesar e os seus sentidos vão ficar gravados no poema. Mostrando que só através da arte que ela conseguiria expor as suas tristezas e alegrias. Diante disso, nota-se que, ao utilizar a poesia como meio de protesto, ela encanta as

leitoras, que se veem representadas em seus versos que não escondem seu verdadeiro “eu”, que não escondem sua alma.

3.2 Momento Supremo (1938)

Em meados de 1938, Gilka lança o poema “Momento supremo” já com mais ousadia e entusiasmo com característica da escola literária modernismo que se encontrava na segunda fase no Brasil. Neste ano, em que o poema foi escrito, o Brasil tinha passado por mudanças que ampliaram o horizonte das mulheres. Elas já possuíam o direito a votar e seu pensamento não era tão reprimido pela sociedade, o que fez com que a mulher pensasse mais em si própria e não tivesse medo de ser e expor quem realmente ela era de verdade.

Nesse viés, percebemos como Gilka Machado foi uma das pioneiras da quarta onda do feminismo: revolução sexual e literária. Foi um período no qual houve muitos debates em que as mulheres queriam mostrar à população que o corpo pertencia a elas e não à sociedade, por isso, tinha o direito de sentir prazer e não apenas ter relações sexuais para fins de procriação. Dito em outras palavras, Osho, afirma que,

Durante séculos as mulheres viveram apenas como fábricas, reproduzindo crianças. O homem as usava como fábricas, e não como seres humanos, pois nove entre dez filhos costumavam morrer. Portanto, se o desejo era ter dois ou três filhos, a mulher tinha que produzir duas ou três dúzias de filhos. Isso significa que, durante toda a vida sexual da mulher, enquanto ela fosse capaz de dar à luz, ela ficava grávida repetidas vezes, e a gravidez é um sofrimento (OSHO, 2014, p. 38).

No entanto, o sexo para a mulher era encarado como sofrimento e não como meio sentir prazer. No poema “Momento Supremo”, tem um conteúdo erótico, transcrevendo o momento da relação sexual entre um homem e uma mulher, sendo perceptível que o sexo entre eles era repleto de prazer e amor e não apenas com intuito de gerar filhos. No início, mais especificadamente, nos quatro primeiros versos, o eu-lírico feminino descreve um momento de trocas carícias e essas eram tão intensas que ele tinha a sensação de que aquelas “mãos morena” conseguia tocar a pele e a sua alma.

Fecha minha alma
Em tuas mãos morenas,
Fecha-me a carne
Dentro de tua alma!
Vê se consegues que essas gêmeas
Boêmias
Incorrigíveis
Cheguem à calma extrema,
A extrema inanição!
Esmaga-me a alma
Em tuas mãos morenas,
Guarda-me inteira no teu coração!
Teu amor é tão bom!

Teu corpo é tão veloso
 é tão cheiroso
 como um campo florido!
 (MACHADO, 1991, p.365-366).

Ao decorrer da leitura do poema, notamos que o sexo era feito por pessoas que se consideravam almas gêmeas por terem uma vida boêmia, ou seja, uma vida não convencional, para a sociedade, e sim, aventureira, fato este que não poderia ser corrigido, apenas estabilizado, se eles dois estivessem juntos, sendo essa ligação indispensável para a sua vida, uma extrema inanição. “Para mim, o sexo é belo apenas quando não é proposital, quando é apenas diversão, quando a pessoa não se entrega a ele por nenhuma outra finalidade, quando a comunhão com uma mulher, ou um homem, somente pelo puro prazer é suficiente” (OSHO, 2014, p. 106). Observamos, através do pensamento de Osho (2014), que o sexo é belo e prazeroso somente quando há uma ligação de almas, quando existe uma energia com alguém íntimo, quando ele é praticado sem nenhuma outra finalidade, como a de procriar, como podemos perceber nos versos abaixo,

Prende-me, prende-me, Querido,
 Todo o meu ser encerra
 Num abraço que seja
 Uma carícia nova,
 Num abraço absorvente,
 Assim como o da terra,
 Assim como o da cova!
 Teu amor é tão bom
 que não creio que exista
 algo de mais perfeito
 que a milagrosa hora
 que vivemos agora.
 (MACHADO, 1991, p.365-366)

A liberdade, para o eu-lírico feminino, é poder escolher a quem vai se prender e tudo que ela queria era ser envolvida em um abraço que a prendesse e que não conseguisse e nem quisesse sair daquela situação, era um sentimento de absorvência que sugava todas as suas energias.

Entregar-se ao sexo pelo puro prazer de compartilhar a energia com alguém de quem se é íntimo [...] é uma forma de comungar de energia com energia, de coração com coração. É derreter e fundir um ao outro [...] com nenhuma outra finalidade (OSHO, 2014, p. 105-106).

O prazer é o envolvimento do ser no íntimo mais profundo da alma, é partilhar as mesmas energias e sensações, um do outro. Comparando esse prazer com o procedimento que a terra faz ao sugar todos os nutrientes e de uma forma tão profunda, assim como uma cova.

Vamos,
 Sepulta-me em teu peito,
 Depressa,
 Antes que chegue a saciedade,
 Pois momentos assim,
 De tão
 Perfeita comunhão,
 De espírito e matéria,
 Devem ter fim
 Na eternidade
 Teu amor é tão bom,
 que, delicada, temo
 ir além, meu Amor,
 deste instante supremo
 fujamos á fatal monotomia
 de repetir,
 de recomeçar:
 aqui culmina o céu
 e o inferno principia...
 Mata-me sem pezar,
 mata-me que me punge
 a angústia estranha
 de não haver nascido
 uma simples aranha
 para te devorar!
 (MACHADO, 1991, p.365-366).

O eu lírico estava com tanto prazer que a sua vontade era de poder ser enterrada no corpo do seu parceiro, para assim, sentir o corpo dele mais de perto, de uma forma como se fossem apenas um, deixando isso claro, ao fazer uma analogia com uma aranha. Neste contexto, Arnaud (2014, p.106), salienta que, “ [...] o oxigênio vai criar o fogo interno, o oxigênio vai fazer com que o indivíduo fique em chamas. Além disso, o oxigênio vai inflamar a sexualidade”. Nesse estado de prazer, ela deseja ser uma aranha para poder envolvê-lo nas suas teias e devorá-lo inteiro, “a angústia estranha/ de não haver nascido/ uma simples aranha/ para te devorar!” (MACHADO, 1991, p365-366). Essa comunhão tinha que ser antes dela chegar ao ápice do prazer, como ela diz: “Depressa/ antes que chegue a saciedade” (MACHADO, 1991, p365-366), pois se a saciedade chegasse, ela não iria querer mais, pois mesmo aquele momento sendo inesquecível, não era o seu desejo continuar com aquele ato. O medo de poder estragar algo único é o que a impedia de ir além e era melhor deixar aquele momento intacto na eternidade para ser algo supremo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer da pesquisa, foi possível compreender como a mulher foi e ainda é constantemente reprimida, sendo diminuída pelos pensamentos machistas que perseveram até hoje. Durante muito tempo, o feminino foi aprisionado pela sociedade falocêntrica que estabeleceu para a mulher um lugar de submissão, com fortes restrições, não permitindo que ela se expressasse de forma livre.

Entretanto, é notável que as mulheres conseguiram conquistar melhorias, a partir do momento que se viram capazes de lutar pelos seus direitos, mas para que essas mulheres tivessem coragem de romper barreiras, elas precisavam de estímulo e incentivo, de alguém que falasse sem medo de ser julgada. Foi isso que Gilka fez, inspirou mulheres a se libertarem dos padrões impostos, das privações estabelecidas, utilizando a arte como meio de expressar seus sentimentos. Gilka deu voz para as mulheres, antes presas ao silêncio e só representadas de modo ilusório, romântico e distante. Ela mostrou que o feminino também tem o direito de expressar os seus sentimentos e emoções sem disfarces.

Dessa forma, é possível ver como o poema “Estado de Alma” foi uma poderosa forma de romper uma ideologia, pois nele foi dito, o que nunca pode ser exposto. O conflito interior, oscilando entre as regras de moral e o desejo de liberdade, um desejo condenado e reprimido por muito tempo. Já no poema Momento Supremo, Gilka expressa com mais ousadia e erotismo os versos, buscando sempre revelar e mostrar tudo aquilo que as mulheres tinham vontade.

Na atualidade, as mulheres têm mais autonomia e liberdade de expressão, porém, ainda são vítimas de julgamentos e ações severas, que refletem na sua vida de modo intenso. Elas têm um lugar maior no mercado de trabalho, mas ainda ganham menos, e nem todas as profissões são tomadas como “ideais” para uma mulher. Elas têm maior acesso à escola, mas em muitas discussões seus pensamentos são menosprezados. A sociedade abriu espaço para diversos assuntos, mas as mulheres sempre são reprimidas e julgadas.

Enfim, apesar de todos os avanços, ainda há muito que melhorar e, para que isso continue progredindo são necessários artistas como Gilka Machado, que vai além de seu tempo, defendendo um pensamento que não oprime nem domina um determinado grupo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emília. **Português: novas palavras: literatura, gramática, redação**. São Paulo: FTD, 2000.

A BÍBLIA. **Como Deus criou a mulher**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Antigo Testamento e Novo Testamento.

A BÍBLIA. **Tentação de Eva e queda do homem**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Antigo Testamento e Novo Testamento.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

DIAS, Júlio César Tavares. AOs caprichos do amor: poesia e erotismo de Gilka Machado. In: **Nau Literária**. Porto Alegre: PPG-LET/UFRGS, V. 9, nº 1, jan/jun, 2013.2010. Disponível em: <https://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4C_90.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2018.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FONSECA, Olívia de Melo. **A metamorfose erótico-amorosa na lírica de hilda hilst: o caminho para a libertação artística e feminina**. 2011.113f. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes - RJ, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/fabyc/Downloads/Ol%C3%ADvia_de_Melo_Fonseca.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

MACHADO, GILKA. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial: FUNARJ, 1991.

MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues & RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX**. Disponível em: <[file:///C:/Users/fabyc/Downloads/DialnetAlgumasReflexoesSobreACondicaoDaMulherBrasileiraDa-6202711%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/fabyc/Downloads/DialnetAlgumasReflexoesSobreACondicaoDaMulherBrasileiraDa-6202711%20(1).pdf)>. Acesso em: 14 de mar. 2020.

MURARO, Rose Marie. **A mulher na construção do mundo futuro**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

OSHO; tradução Patrícia Arnoud. **O livro das mulheres: como entrar em contato com o poder da mulher**. 1 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2014.

PAIXÃO, Silva. **A fala - a – menos**. 1.ed. Rio de Janeiro: NUMEN editora, 1991.

PEASE, Allan; PEASE, Barbara. **Porque os homens fazem sexos e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças**. CAPELO, Tradução de Neuza M. Simões Capelo. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

PRIORE, Mary Del & BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2000.

PRIORE, Mary Del. **Conversas e histórias de mulher**. 1. Ed. São Paulo: Planeta, 2013.

RKAIN, Jamyli. **Poesia completa**. São Paulo: V. de Mouro Mendonça – Livros, 2017.

SOUZA, Daryane, KAZMEIRCZAK, Marilia & COUTO, Rafaela. **Mulher e sociedade: Como podemos compreender as mulheres à luz de seus direitos sociais na contemporaneidade?** Colégio mãe de Deus: Revista Eletrônica. Londrina-Paraná, vol. 3, setembro de 2012.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, e todos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

IMG 1 – Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/10268>

IMG – Disponível em: http://obviousmag.org/coisas_de_dri/2017/resgate-de-memoria-quem-foi-gilka-machado.html